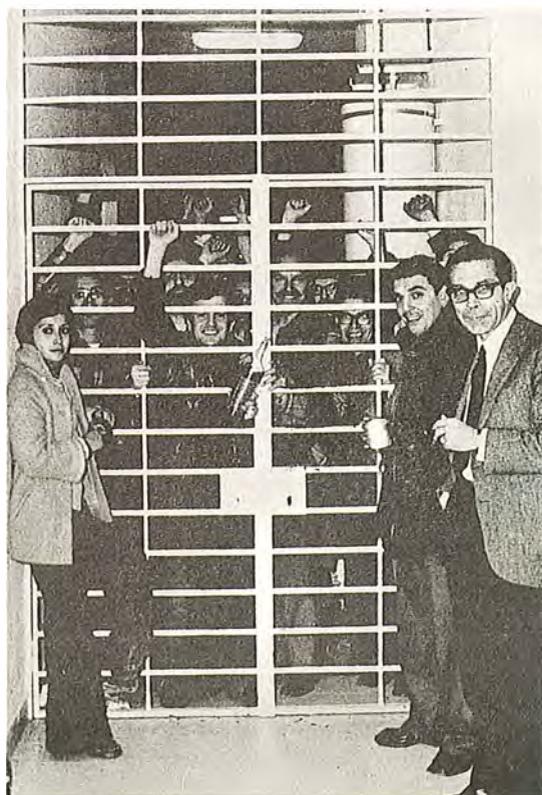


# Todos os anos, pela Primavera

*Diana Andringa*



«...só eles, eles, frente a quem se abriu essa última porta, esse gradão entre o interior e o pátio do Forte de Caxias, puderam sentir inteiramente o significado desse dia, a liberdade reencontrada...»  
Centro de Documentação 25 de Abril, Coimbra.

**TODOS OS ANOS, PELA PRIMAVERA, SURPREENDE-SE** a olhá-los, a esses presos sobre quem – sem que sobre eles os anos passem fixados para sempre, jovens, surpresos de liberdade e alegria, nesse ano mágico de 74 – ano após ano se abrem as mesmas portas da mesma prisão, com um olhar onde se misturam a emoção e a inveja.

A inveja, sim.

Levou muito tempo a pensar a palavra certa. Que sentimento era aquele que se somava ao outro, colectivo, obrigatório, a emoção perante as grades finalmente abertas? Demorou-lhe, admitir que era a inveja. (Ainda não se tornara moda recordar que é com essa palavra que fecham os *Lusíadas*). Mas que outra coisa poderia ser, afinal, se só eles, eles, frente a quem se abriu essa última porta, esse gradão entre o interior e o pátio do Forte de Caxias, puderam sentir inteiramente o significado desse dia, a liberdade reencontrada, a liberdade política, certamente, mas também (mas; sobretudo?) a física nenhuma porta mais, nenhuma grade, entre eles e os que os esperam, entre eles e os mil gestos quotidianos cuja ausência se descobre custar tanto a suportar, tirar da estante um livro ao acaso, abrir uma cerveja, pôr um disco a tocar fora da curta hora autorizada, estiraçar-se no velho divã, discar no telefone o número de um amigo. Luxos irreconhecidos como tal até então, tomar banho em banheira, dormir sem horário, acender um fogão, comer em prato de louça, pedir uma bica escaldada, sorrir a alguém que não se conhece, apagar uma luz, rodar a chave numa porta – coisas de todos os dias, «importantizadas» pela ausência.

Então, o abrir da porta, essa porta que todos os anos se abre de novo sobre eles, jovens como então eram, sem que nada nos seus traços revele o cansaço ou a desilusão dos anos que seguiram, traz-lhe a inveja do momento único e irrepitível, daquele instante fugaz em que tudo foi possível, mesmo aquilo que nunca chegaria a sê-lo.

Inveja-lhes esse momento que não teve, essa possibilidade de juntar, no mesmo abraço, no mesmo riso, a liberdade de todos e a sua própria, a festa individual e a festa colectiva.

Teria sido bom, pensa, ter saído da cadeia nesse exacto momento, sem o sentimento: de culpa dos ficados para trás, porque todos estariam saindo ao mesmo tempo.

E o 25 de Abril é também isso, ou antes, a memória disso, desse sair lento, quase contra vontade, o coração dividido entre quem espera lá fora e quem na cela que se acaba de deixar ficou de repente mais preso e indefeso, das portas que se fecham à passagem, repetindo, no sentido inverso, o ritual do dia da entrada. Da última porta desse primeiro dia, a castanha, aquela por onde espreita o olho de quem guarda, para impedir a fuga: ou o suicídio, porque nenhum captor gosta que o capturado se lhe escape, excepto quando o suicídio dele seja obra sua. Das grades em frente, duplas, abrindo sobre o rio ou sobre um muro outro, com os passos de um guarda como única paisagem. Das paredes brancas, de que se aprendem uma a uma, de tanto as contemplar, as rugosidades. Dos apitos a ritmar o dia, do bater das grades noite após noite, coisa de verificar se continuavam inteiras, se preso nenhum preparava a fuga através delas. Da voz que anuncia: «Prepare-se para sair para interrogatórios». A tosse de um companheiro, no corredor ao lado, indicando o seu regresso de interrogatórios. O choro solto de uma presa, na cela da frente, ou o arfar asmático, ofegante, de alguém a sufocar numa cela próxima. Os risos das presas muito jovens na cela ao lado, cada dia fazendo da prisão um lugar habitável onde a vida continue – até conseguirem pôr nela o cheiro de bolos acabados de fazer. O grito da mulher chamando o filho, no bairro de barracas em frente da prisão. Os pesadelos dos presos adormecidos. O toque do clarim anunciando a morte do ditador. O som de pas-



sos e o som de portas. Até mesmo, um dia, o mais inesperado, o mais esperado dos sons, o assobio de uma *coladera* de um amigo que diz: «Sou eu, estou vivo, estou bem, estou a passar à tua porta». E a voz última: «Junte as suas coisas para sair em liberdade».

Liberdade. No dia 25 de Abril e nos seguintes, lembra-se, andara perdida pelas ruas, a tentar reter para sempre o que podia significar essa palavra. Da gente que chorava à gente que ria, dos que tinham cravos nas mãos à jovem que desenhava foices e martelos vermelhos nos carros militares que passavam. Lembrara-se de Hemingway, porque, Lisboa era, nesses dias, uma festa móvel.

Mas quando lhe perguntam o que foi para si o 25 de Abril, é ainda um som que lhe ocorre. Ouviu-o nos corredores do Metro da Rotunda. Um som conhecido e desconhecido, um som até então clandestino e nesse dia solto, vibrante, irrepresível, que foi reconhecendo enquanto se aproximava. Surgiam-lhe as palavras na memória, em línguas várias: «*De pé, oh vítimas da fome... Il n'y a plus de sauveur suprême, ni Dieux, ni César ni tribuns... Arroupons-nous, hermanos*».

Era um cego, no seu acordeão. O mesmo que, na véspera, pedia esmola, ao som da Júlia, florista.

Mural alusivo à libertação dos anti-fascistas presos. Buraca, Lisboa. Fotografia de Paixão Esteves.